

Nº 10

COM CORTES (Aprovada)

Artigo de JOSÉ CUTILEIRO

Artigo de J. TIAGO DE OLIVEIRA

Artigo de VASCO POLIDO VALENTE

Artigo de JOSÉ LAURADIO

Artigo de JOÃO BERNARDO DA COSTA

Artigo de JOÃO BERNARDO DA COSTA

Artigo de MANUEL CAUPERS

NOTA CRÍTICA de VASCO POLIDO VALENTE

INTEGRALMENTE CORTADA

NOTA CRÍTICA "PROCURADO POR  
CRIME DE TRAIÇÃO"

Provas de 1  
a  
10



IMAGENS DA EVOLUÇÃO RECENTE DOS E. U. A.

A memória de John F. Kennedy e de todos os combatentes pela dignidade humana.

**E** 1933, Março, 4. F. D. Roosevelt acaba de assumir a presidência dos Estados Unidos, nação de mais uma centena de milhões de homens. Uma crise amarga (a quinta-feira negra de Wall Street, Outubro, 1929) é uma penosa recordação recente do povo norte-americano: a grande recessão. Roosevelt, no seu discurso inaugural, insiste, sublinha, terem os americanos um encontro com o destino.

.....  
1961, Janeiro, 20. John F. Kennedy recebe a chefia de centena e meia de milhões de homens. O mundo vive ainda — em ânsias de melhoria — a crise arrastada sequente ao fim da II guerra mundial e à guerra fria. No acto de posse, Kennedy afirma que o homem tem actualmente o poder de abolir todas as formas de pobreza humana mas também de abolir todas as formas de vida humana e por isso chama os seus compatriotas para a luta contra os inimigos comuns do homem: tirania, pobreza, doença e guerra. O limiar da história substituiu o encontro com o destino.

.....  
Qual foi a trajectória norte-americana neste inter-tempo? Como se processou o encontro com o destino? Como se entrou o limiar da história?

Deixando para outro momento uma Teoria da América — estudo sobre a sua etnocultura e o processo de americanização, o seu funto socio-histórico — tentemos, tão-sòmente, um esforço breve da sua evolução socio-cultural.

1) O «New Deal» rooseveltiano: A situação e perspectivas quando Roosevelt lia o seu discurso inaugural estavam longe de ser boas. Internamente era o reflexo da grande depressão económica, desemprego largo, queda do nível de vida, crise agrícola de super-produção, situação bancária fluída, problemas na indústria; externamente, o trabalhismo MacDonald ia perder as eleições, Hitler, dentro em pouco vinha assumir o poder / e expandiu a ~~base do~~ ~~partido~~ Nazi, Staline concentrava finalmente o poder da U. R. S. S. nas suas mãos, a França aproximava-se da crise da qual sairá a Frente Popular, etc. — o mundo oscila gravemente / ~~em~~ / ~~pressão de uma tentação totalitária.~~

O New Deal reorganiza a indústria, aumenta os salários, programa

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

1d

em... 12/12/63

Prova n.º 2

Saída em 28/12/63

trabalhos públicos para combate ao desemprego, subsidia a agricultura para evitar os excedentes, combate os abusos dos banqueiros, formula leis anti-trustes, usa a actividade económica regularizadora do governo, alarga a segurança social e a justiça social, melhora as condições do trabalho, reforma a administração e a justiça. As reacções ~~dos sectores~~ ~~da direita~~ a esta política progressista — evolução do capitalismo liberal para um prédirigismo económico — encontram-se traçadas em *Mud on the Stars* (trad. bras. «Lama nas Estrelas») de W. B. Huie.

As arcas encoiradas do isolacionismo norte-americano abrem-se: relações diplomáticas com a U. R. S. S., abertura para as Américas (evacuação da Nicarágua, fim do protectorado em Cuba), política de boa vizinhança.

Fazia-se uma revolução sob o signo da democracia: planificação económica em sentido largo, progresso social, fim do isolacionismo, melhoria diplomática, impulso à educação.

O tempo passa. Reeleição de Roosevelt em 1936, II guerra mundial em 1939. Os Estados Unidos, primeiro virtualmente, depois declaradamente, entram em guerra com o nazismo.

*De Roosevelt a Kennedy:* Roosevelt morre em 1945 e segue-se-lhe Truman. A II guerra mundial termina: o encontro com o destino tornou os E. U. A. um dos grandes. Estes, após o acordo inicial, tornam-se desavindos. Por 1947 recomeça a forte tensão internacional, a guerra fria. Na cena política surge MacCarthy / ~~de bem triste memória~~. Eisenhower e os republicanos em 1953. Morre Staline. A tensão internacional — com altos e baixos — entra a decrescer por 1956. 1956 data o despertar das nações africanas, o impulso à independência. Vários dos seus líderes tinham sido prègadores ou ideólogos em Harlem, o bairro negro de New York. A tão pouco conhecida corrente de pensamento negro de New York vai realizar os seus projectos; a revolta anti-segregacionista avoluma-se. O Supremo Tribunal quebra as leis racistas dos estados do Sul, ilegaliza-as dando base jurídica aos protestos anti-racistas. A lentidão e aparente falta de eficiência dos processos de legalização provêm naturalmente da difusão de poder que é um dos esteios da constituição norte-americana, uma forma precisa de obstar aos abusos pela multiplicação de controles. A liberdade de propaganda (evangelizada por Roosevelt) é o instrumento criador do movimento anti-segregacionista que permitirá ao poder o agir.

1957, ~~Setembro~~, o impacto *sputnik*: um novo pequeno astro, não existente de há muito, catapultado mecânicamente pelo homem, gira no

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

16

→ Outubro, 4

espaço. Em países atrasados crianças são baptizadas com o nome do novo deus! A impressão mundial é imensa. O homem, circundado o planeta, começa a escalada dos céus. Os americanos reagem sentindo-se atrasados, ultrapassados. Pouco depois (1958) uma lei vem estruturar um impulso educacional, a fim de recuperar o tempo perdido.

O aparelho educativo liberal mantém-se: o apoio à educação não poderá infringir certos condicionalismos e autonomias locais; as autoridades locais terão de participar com o auxílio federal. Ao plano público os interesses culturais alargam, mudam: a formação científica ou histórica toma o passo sobre os livros de ficção, as edições de bons livros multiplicam-se. A cultura é, cada vez mais, um meio de ascensão social: 40 milhões de adultos seguem cursos de aperfeiçoamento em 1960; largos auditórios, de aspecto banal, assistem a conferências, concertos, em particular mulheres. A rádio e a televisão colaboram na obra de difusão cultural. A percentagem de diplomados com curso superior («college») aumenta mercê das necessidades de expansão e das facilidades postas em marcha pela lei de educação; em 1960 mais de 1/3 dos adultos de 18 a 21 anos frequentam a Universidade. Os problemas escolares tomam cada vez mais peso: 45 milhões de jovens (de 5 a 16 anos) estudam em 1960 (dados tirados de *A educação nos E. U. A.* por R. W. Horton, Junho, 1962).

Progresso educacional, fim do racismo, desenvolvimento social não são os problemas internamente prementes dos E. U. A. no início da nossa década.

A «*New Frontier*» kennedyana: O discurso inaugural do jovem Kennedy enuncia os pontos fundamentais das novas fronteiras: a defesa da liberdade e dignidade humanas, maior expansão da educação, a solução dos problemas raciais, o desfazer da tensão mundial.

O programa começa a realizar-se. A tensão internacional baixa velozmente, embora com um momento crítico. Grande parte da população está acima do elevado nível mínimo americano. O impulso educacional preparado em 1958 é ampliado.

A mensagem especial de Kennedy ao Congresso (1961, Fevereiro, 20) sublinha: *Os nossos progressos como nação não se podem verificar mais rapidamente que os nossos progressos em educação... que todos os jovens com qualidades e capacidade para frequentar as universidades possam estudar, se essa for a sua vontade, sem se olhar à sua situação financeira... que esta responsabilidade / do governo federal na educação / faça*

Provas remetidas à Censura

em 28/12/63

Prova n.º

Spicio em 28/12/63



justiça aos 16 anos. E essa justiça começou a ser feita.

O movimento anti-segregacionista é lançado fortemente logo em 1961: negros são nomeados para altos cargos políticos e a máquina federal é voltada contra os racistas do sul. Por fim a mensagem especial ao Congresso de 1963, Junho, 19 organiza o direito de voto, uniformiza as exigências educacionais, garante o uso dos sítios públicos a todos, força a integração escolar.

Em 1963, Junho, 10, Kennedy no discurso à Universidade Americana (Washington) analisa alguns dos problemas da paz: *Compreendo que a procura da paz não é tão excitante como a da guerra... Não há porém tarefa mais urgente... Nenhum problema do destino humano está para além do alcance dos seres humanos... A história ensina-nos que as inimizades entre as nações como entre os indivíduos não duram sempre. Por arreigadas que possam ser as nossas simpatias e antipatias, a maré do tempo e dos acontecimentos trará muitas vezes mudanças surpreendentes nas relações entre as nações e os vizinhos... Confiantes e sem receio continuamos a trabalhar — não para uma estratégia da aniquilação mas para uma estratégia da paz.*

Jovem, activo, eficiente, dinâmico, defensor dos direitos dos homens, impulsionador da educação e do progresso social, defensor da paz, Kennedy é uma esperança para o futuro dos E. U. A. e do mundo.

1963, Novembro, 20, 13 horas: Kennedy é assassinado, provavelmente pelas forças a quem a sua política ~~aberta ao mundo~~ contrariava e prejudicava. Tentou-se, assim, travar o início de uma grande etapa histórica ~~a da federação pacífica da humanidade. Mas a ideia continua além. Tal ideia já não pode ser perdida.~~

J. TIAGO DE OLIVEIRA  
Professor da Faculdade de Ciências de Lisboa

SERVIÇOS DE CENSURA

(SÉDE)

AUTORIZADO

COM

CORTES

12

A

Provas remetidas à Censura

em 12/12/63

Prova n.º 7

Saída em 28/12/63



É duvidoso e angustiante o futuro que se apresenta. O Presidente Johnson é um hábil e experimentado político mas faltam-lhe as notáveis qualidades intelectuais que faziam de John Kennedy o «leader» natural da «élite» de que se rodeara. Não se vê bem que tipo de entendimento o novo presidente conseguirá com essa «élite» — tão afastada do tradicional padrão do político americano quanto o nosso Presidente dela é típico. E um grande número de reformas internas e externas em curso, parecem, pelo menos, ameaçadas.

10 Kennedy representava de certa maneira o homem novo. Incarnava, no Ocidente, a esperança daqueles que vêm o desenvolvimento leste-oeste como único (e fecundo) caminho de entendimento e de paz, e daqueles que, na América, consideram que uma muito maior consciência social é necessária a um povo que detém a hegemonia de metade do mundo e, eventualmente, o destino do mundo inteiro. Com mais cinco prováveis anos de governo à sua frente estava apenas no começo da sua «missão» e o entusiasmo, a coragem e a inteligência que pusera nela eram uma forma de garantia que, abrupta e precocemente, desaparece. Quando em Londres, em Lisboa, em Moscovo, choramos a sua morte é porque sabemos que uma parte da nossa esperança no sucesso dessa «missão» talvez tenha morrido com ele.

\*

\* \*

O Presidente Kennedy era um católico. Talvez por isso se recorda quase forçosamente a parábola bíblica e se espera que, do grão morto, alguma coisa nova possa nascer. É possível que antes da sua morte pouca gente no mundo tivesse uma consciência tão aguda dos riscos que a humanidade corre e de que uma única e precíval vida humana pudesse ajudar tanto a controlar esses riscos. A lição a tirar é clara e urgente: ou o caminho da conciliação por ele inaugurado se mantém ou não sabemos que futuro caótico nos espera. Caminho no sentido de uma organização do mundo mais inteligente, mais sensata e mais livre da ignorância, de superstição e do ódio. E em que a morte de um homem, por melhor que ele seja e por mais importante que seja o seu cargo, não possa, como agora, pôr em risco a sobrevivência da humanidade inteira.

JOSE CUTILEIRO

#

SERVIÇOS DE CENSURA  
 (S.F.R.E.)  
 AUTORIZADO  
 GOM  
 GORTES

Lozas de 4.0  
a  
5.4



## A ECONOMIA DOS E. U. A. NA «ERA KENNEDY»

NOS anos de 1960/61 os E. U. A. atravessavam a quarta crise económica depois da 2.ª grande guerra. John Kennedy, eleito Presidente da República, sabia o estado do País e, referindo-se à situação económica, disse claramente: *we take office in the wake of seven months of recession, three and one half years of slack, seven years of diminished economic growth and nine years of falling farm income.*

Principiava assim o texto da Mensagem Anual ao Congresso, lida a 30 de Janeiro, e continuava analisando e descrevendo pormenorizadamente a situação. O desenvolvimento económico dos Estados Unidos descera de 5,4 % em 1901-1913 para 2,4 % em 53-60, enquanto, ~~comparativamente a U. R. S. S. atingia, no mesmo período, a cifra de 11 %;~~ nos ramos mais importantes da indústria a produção baixara consideravelmente: a construção anual de veículos automóveis passava de 7920 milhões em 1955 para 6675 milhões em 1960, o aço produzido de 117 milhões de toneladas em 55 descia em 60 para 99 milhges, o petróleo baixava, nos mesmos anos, de 2617 milhões de barris para 2575 milhões e o carvão de 501 milhões para 413 milhões de toneladas; e, por outro lado, o desemprego atingia um grau comprometedor, 5 milhões e meio de desempregados, número com tendências a aumentar. O quadro era esclarecedor e insustentável e para removê-lo interessava conhecer as causas que o determinavam. Estas, complexas e variadíssimas, suspeitam-se quase impossíveis de isolar, ~~algumas, contudo, deverão resultar do próprio sistema em que a economia capitalista se processa e são talvez as mais graves e difíceis de corrigir.~~ Em economia, segundo os clássicos, a estabilidade resulta do equilíbrio produção-consumo e o progresso consegue-se dando o consumo completo a um máximo de produção; se o equilíbrio se quebra aparecem as crises e se as crises persistem cai-se na recessão.

Nos Estados Unidos, o desemprego crónico e crescente<sup>1</sup>, a resistência à automatização<sup>2</sup>, os inconvenientes da utilização da técnica em fins alheios a bens de consumo, são obstáculos dificilmente superáveis sem uma alteração global do sistema. Mas para o governo o problema é outro, consiste em obter um máximo de desenvolvimento manobrando dentro do sistema em vigor. E Kennedy era, como ele várias vezes referiu, acima de tudo, Presidente da República; economia e sociologia vinham só em segundo lugar. De sólida preparação intelectual, inteligente, escolhendo colaboradores segundo a competência e sem receio de riscos que oposições ideológicas ou de interesses pudessem provocar, Kennedy resolveu, em suma, defender e desenvolver os Estados Unidos da América. Durante a campanha eleitoral sublinhou a importância dos assuntos económicos na política de expansão do País; quando subiu ao poder prometeu acabar com a depressão e instaurar uma economia que levasse

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

Provas remetidas à Censura

em 16/12/63

Prova n.º 54

Saída em 28/12/63



SERVÍCIOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO COM CORTES

nós, europeus, para os outros, foi-o, sobretudo, em função da sua política externa. Reparemos, pois.

Ao longo dos três anos de mandato quem foi John F. Kennedy? Foi o homem da Baía dos Porcos, mas foi também o homem do Acordo de Moscovo. Foi o homem do Viet-Nam, mas foi também o homem do Laos. Foi o homem da crise de Outubro de 62, mas foi também o homem da de Agosto de 61. Foi o homem dos mais inteligentes discursos políticos dos seus dias, mas foi também o homem que voou até Berlim para aproveitar uma momentânea distração do General, como antes voara até Viena para aproveitar uma momentânea atenção do Secretário-Geral. Foi — em termos de cinema — o homem que matou Liberty Vallance e o homem que sabia esperar que os comboios passassem. E foi ainda dentro de cada uma destas predicções o que nelas quisermos meter de chaveta e meandros. Sempre suficientemente europeu para lembrar que o não era e suficientemente dum novo mundo para se não confundir com o que o velho de velho tem.

Tudo isto que foi, o foi, repetimos, sobretudo em função da sua política externa. E por tudo o que atrás foi dito impossível se torna analisá-lo somente com a admirável ingenuidade de uns quantos ou com os seguros esquemas de outros. Peçamos aos segundos a luz das determinantes que não mudem — nem podem mudar (por muito que isso repugne a quem não sinta na cara o sopro que sopra é), e que estreitam como apertados amplexos não só os E. U. A. de hoje, como as outras sociedades da abundância; peçamos aos segundos a luz duma certa frescura e confiança que permitam ver em John F. Kennedy um fermento de esperança lúcida. E a sua política externa — que foi, apesar de tudo, a política externa dos E. U. A. de 1960 a 1963 — permita essa esperança, se for analisada com essa lucidez.

JOAO BÉNARD DA COSTA

<sup>1</sup> «Le modèle américain» Esprit, Agosto, Setembro, Outubro, 1960.

h



Provas de 63  
a  
76

Provas remetidas à Censura

em 19/12/63

Prova n.º 63

Saída em 28/12/63



BERLIM

JÁ acima foi escrito. Herdeiro de situações irremediáveis, ou quase, para um homem que afirmou pretender, acima de tudo, ser Presidente dos E. U. A., Kennedy seguiu a única política nessas situações viável: arriscar tudo onde o quase ainda consentia possibilidades, manter o «statu quo» onde já nada havia a fazer. Táctico prudente, aproveitou os empates onde a vitória era inviável e controlou, assim — empatado — as situações impossíveis.

Era uma delas, esta de Berlim. Para o comprovar, recordemos um pouco de história.

\*  
\*  
\*

Fiéis à memória (incómoda mas preciosa) do Tratado de Versalhes, repudiando, todos, com maior ou menor sinceridade os fantasmas de Clemenceau e Lloyd George, Churchill, Roosevelt e Estaline encontraram-se em Teerão, em Dezembro de 1943, em volta do famoso texto da Carta do Atlântico, repudiando qualquer alargamento territorial, à custa dos povos vencidos. Mas as boas intenções não foram aqui mais avante do que em 1918 e, como acontecera com os famosos Catorze Pontos de Wilson, a Carta do Atlântico estaria carta morta. Estaline se encarregaria de lhe vibrar o primeiro golpe, precisando aos dois ocidentais que a sua intenção — já anunciada no Outono de 41 —, de anexar à U. R. S. S. os Estados Bélticos, de desmembrar a Alemanha e de levar a fronteira polaca até ao Oder nada tinha de mera sugestão cortex. Os móveis eram certamente muito diferentes dos que haviam levado os chefes de 14-18 ao regabofe de Versalhes, mas os estudantes de geografia dos anos vindouros não deixariam, por isso, de decorar fronteiras diversas. E em Teerão ficara já praticamente assente o desmembramento da Alemanha e a fronteira do Oder-Neiss.

Yalta, 45, nada trouxe de novo, a menos que prometer horizontes sombrios e tornas mais nítido o que de precário havia na aliança de dois sistemas frontalmente adversos. Daí por diante a influência russa era um facto na Europa Oriental, onde regimes obsoletos e opressores preparavam ao comunismo um chão de rosas juncado; os ocidentais reconheceriam Tito e a nova Jugoslávia; as democracias populares iam triunfar por toda a Europa eslava e belcénica, à excepção da Grécia, onde os ingleses conseguiram chegar a tempo de aguentar a coroa e os súbditos.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
GORTES

15

Provas remetidas à Censura

em 19/12/63

Prova n.º 64

Saída em 28/12/63



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM

Postdam, onde já faltou a excepcional capacidade política e a insólita boa-fé de Franklin Delano Roosevelt cimentaria, apenas, a divisão. A Polónia abandonava à U. R. S. S. parte da Bielo-Rússia e da Ucrânia, mas recebia em compensação uma boa fatia de Prússia Oriental, a Pomerânia e a Sibéria, cerca de 100 000 quilómetros quadrados. Quanto ao problema alemão a sua discussão era já demasiado melindrosa para ser tentada. O território do Reich dividia-se em quatro zonas de ocupação (França, E. U. A., Inglaterra e U. R. S. S.) e Berlim, encravada no território de jurisdição russa era mantida, por um estatuto especial, sob a ocupação concomitante das quatro potências referidas.

Esta situação, que não pode deixar de ser considerada insólita, representava já um primeiro esboço do que a seguir se chamaria, aberta e friamente, a guerra fria. Os Aliados tentavam arrebatar à U. R. S. S. a antiga capital alemã e abrir uma porta para um próximo tratado de paz com um próximo governo alemão em que as coisas se regulassem mais a seu contento.

A sequência é conhecida. Não houve tratado de paz com a Alemanha (ainda não há porque não houve governo alemão. E não houve governo alemão porque, em tempo de quem fria, as esperas de influência geraram duas Alemanhas. A princípio teóricamente, depois de facto. Em 1948 surgia, apoiada por Londres, Paris e Washington a República de Bonn reclamando-se duma Alemanha total, que de facto não representava. Os alemães do leste ripostavam com a República Democrática Alemã. Tudo se começava a consumir.

A república de Bonn anexava, depois, o sector ocidental de Berlim, numa tentativa para cortar a antiga capital do Reich da república democrática — onde ela, de facto e de direito, se inseria — e atingi-la na cabeça. Os russos retorquiam com o primeiro bloqueio (1948) primeiro sintoma duma guerra a tender para o morno, bloqueio furado pelos americanos graças à ponte aérea.

Assim, no coração da República Democrática Alemã a 80 km da fronteira polaca — que se note e que se note bem —, se instalava o Berlim, vítima do Ocidente, por onde se escoavam os que, naturalmente, se achavam incomodados em país socialista e de recursos infinitamente mais pobres do que os da sua irmã do Oeste. Esta começava — mau grado os justificados protestos e os justificados receios — a rearmar-se, o que era consagrado de facto pelos acordos de Londres de 54, e pela entrada da Alemanha Federal para a N. A. T. O.

Por seu turno — certos comentadores notam e acentuam que a iniciativa coube sempre aos ocidentais — a R. D. R. rearmava também e aderira

Provas remetidas à Censura

em 19/12/63

Prova n.º 65

Saída em 28/12/63



ao Pacto de Varsóvia.

\*  
\*   \*  
\*

Vale a pena meditarmos um pouco sobre estes factos. Num mundo onde a tensão leste-oeste era — a partir de 1947 — um facto incontroverso, a unificação a fazer-se punha inevitavelmente o problema de saber em qual dos dois blocos a Alemanha unida se inseriria. E é evidente que nem um nem outro podiam tolerar que os vários milhões de alemães fossem engordar o outro ou o um. Daí que muita gente — e muito boa gente — opinasse como única solução, possível e fecunda, a neutralização e desmilitarização alemã — recomendável a mais de um título — interpondo-se, desse modo, entre o chamado oriente e o chamado ocidente um campo não beligerante.

A partir da morte de Estaline, a U. R. S. S. (recorde-se o que se passou com a Áustria) podia vir a tomar a sério uma hipótese deste género (Ct. Plano Rapacki) que teria tido por volta dos anos cinquenta o apoio dos franceses — lembrem-se as enérgicas intervenções de Robert Schumann contra o rearmamento alemão — e dos britânicos, que, anos mais tarde, seriam os primeiros no Ocidente — a reconhecer o beco sem saída a que estes dados da questão levavam.

Mas a política americana, definida mais pròpriamente a partir de 1952 pela administração Eisenhower e por esse novo Godofredo de Bulhão que se chamou John Foster Dulles, apenas considerava a hipótese de uma Alemanha reunificada, se esta aderisse em bloco ao bloco ocidental. Não sonhando tanto (mas sonhando com ânimo) insiste no rearmamento da República Federal para fortalecer as posições do Ocidente na cruzada anticomunista por esses anos com tanto fogo propugnada. Esta, em plena era do «milagre» e da «Keine experimente» encontrava no Chanceler o político, astuto e suficiente, para saber que a sua sorte se jogava com os dados de Dulles e ocidental o suficiente para repudiar as conciliações, quanto as experiências.

Por seu lado, a U. R. S. S. vê na manutenção deste estado de coisas a confirmação de um estado de tensão em que crê encontrar a demonstração inequívoca dos intuítos agressores do ocidente e do não-reconhecimento da realidade alemã do Leste, bem como da influência sua — em democracias populares traduzida — sobre esse mesmo leste. Por seu turno — e conviremos em elogio da memória que com boas razões para isso — os estados eslavos (Polónia, sobretudo) inquietam-se fortemente

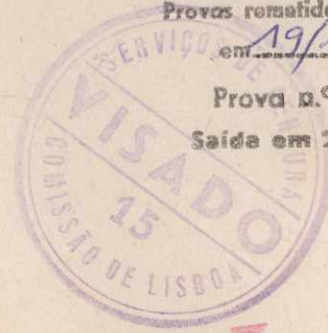
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM 3  
CORTES

Provas remetidas à Comissão

em 19/12/63

Prova n.º 66

Saída em 28/12/63



com o crescente poder militar alemão, vendo neste o passo e a marca do agressor ancestral.

Neste jogo de forças, Berlim-Oeste vai surgir como a pedra de toque. Para os ocidentais, um bastião de liberdade em pleno coração do mundo comunista, a tal «última do ocidente», precioso centro de propaganda e espionagem que dia a dia — quase — formula a prova provada — pelo número de alemães que aquela porta tomavam — da superioridade do sistema capitalista. Para os orientais, uma provocação nítida, pelas mesmas razões de propaganda e espionagem, o símbolo de uma política agressora. Berlim torna-se, assim, em nó górdio da questão leste-oeste.

SERVIÇOS DE GENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO COM CORTES

\*  
\*  
\*

Nó górdio, dizíamos, mas também calcanhar de Aquiles dos ocidentais. Com efeito, a posição de Berlim é tal que bastava que a U. R. S. S. assinasse separadamente um tratado de paz com a R. D. R. para que, reconhecida a soberania deste, as vias de acesso à antiga capital de Hitler passassem para as mãos do governo de Ulbricht e das duas, uma: ou os aliados reconheciam — de 1922 — a R. D. R. e com ela negociavam Berlim, o que implicaria o aceitar como dado a realidade alemã do leste e seria fonte de inquietação sobre a liberdade dos berlinenses do lado de cá — Krustchev havia contudo de repetir que esta seria sempre salvaguardada — ou teriam que abrir à força o caminho até ela, correndo o risco de passarem por agressores/aos olhos do entretanto muito atento terceiro mundo e até de alguns aliados ocidentais.

A partir de 56, a U. R. S. S. ciente deste dilema e das vantagens que dele recebia, brande sobre o ocidente o fantasma dum tratado de paz, e o incómodo por tal espectro causado é reconhecido já pela política inglesa (declarações posteriores de Mac Millan e Selwynn Lloyd).

Adenauer, contudo, não vacila. A sua intransigência mantém-se, proverbial como a do seu povo, e a partir de 58 encontra em De Gaulle e no seu sonho de uma Europa — terceira força, unida e forte, o apoio que lhe podia começar a faltar. Anos depois, por obra e graça do novo senhor da grandeza de França, o túmulo de Foster Dulles não encerrou — como muitos pensavam — os projectos do Chanceler.

Entretanto a questão vai ser posta em toda a sua acuidade. Na conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros dos Quatro, em Genebra, 59, ou no encontro de Campo David, meses após, entre Eisenhower e Krustchef, este insiste no que chama questão número um,

da França (?)

4

em 19/12/63

Prova n.º 67

Saída em 28/12/63



explorado, acaso, a divisão que sentia no mundo ocidental. Eisenhower acaba por lhe arrancar a promessa de que a questão se não resolveria contra-relógio, embora também não sem-relógio, e cede ao primeiro ministro russo a realização duma conferência ao mais alto nível — que antes havia recusado — para derimir o assunto. Paris, Maio de 1960, seriam o lugar e o tempo. É sabido como o decastrado incidente do U-2 fez malograr esta, e fez reavivar as ameaças de Krustchef. Que lhes podia opor o ocidente — a serem conservadas estas posições e alianças — a mais que a capitulação ou a guerra — absurda — por Berlim? Eram estas as perspectivas que John Fitzgerald Kennedy encontrou quando, em Novembro de 1961, foi eleito 35.º Presidente dos Estados Unidos da América. Doravante, a política externa desse país estaria confiada a clarividência outra.

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)  
AUTORIZADO COM CORTES

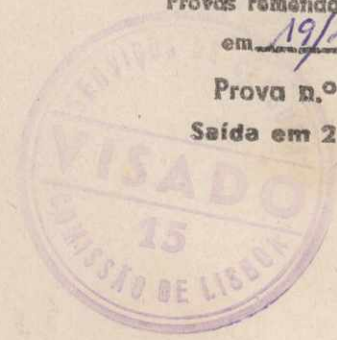
\* \* \*

Recapitulemos, antes de abordar a actuação de Kennedy, as possibilidades que o problema de Berlim oferecia:

- 1 — Aceitação de certas propostas para uma reunificação e tratado de paz com a Alemanha, com a seguinte neutralização desta.
- 2 — Reforço da posição da Alemanha Federal mantendo a todo o custo a vinculação de Berlim-Occidental a esta. A todo o custo, entende-se mesmo pelo custo de uma guerra nuclear.
- 3 — Nada fazer e capitular, depois, se acaso Nikita Krustchef cumprisse as suas ameaças. Capitular, entende-se reconhecer a R. D. R. e o seu direito sobre as vias de acesso a Berlim.
- 4 — Manter o «statu quo» na esperança de melhores dias. Por melhores dias pode entender-se muita coisa desde a conversão da Rússia até à conversão da América.

De John F. Kennedy que chegava à Casa Branca com optimistas ideias sobre as relações leste-oeste, que parecia ter da América e do mundo ideias que permitiam que se falasse abertamente do fim da era Dulles, que inaugurava — pelo colobeurer que chamou e pelo estilo novo que imprimia, não uma nova era, mas uma nova fronteira, que se dirigia aos «novos de espírito, qualquer que fosse a sua idade e aos corações confiantes sem distinções de partido», que proclamava a sua vontade de paz, por um preço que «se não medisse em armas ou dinheiro, mas em

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)  
AUTORIZADO COM CORTES



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
GOMI  
CORTES

imaginação no domínio social, vigor físico, coragem física», que se reclamava dentre os seus antecessores sobretudo de Lincoln e de Franklin Roosevelt, de John Kennedy, «homem de boa-vontade» muitos podiam talvez esperar que uma resoluta tomada de posição no sentido da nossa primeira alínea. Quem o esperasse — a curto prazo — não teria contudo os pés fincados neste mundo e, por bem intencionada ingenuidade, esqueceria a impossibilidade (a curto prazo) da política americana enveredar por tal caminho. John F. Kennedy, homem bem intencionado, não era um ingénuo, e tinha os pés fincados nesse mundo: ocidental chamado americano particularize-se. Mais: queria ser acima de tudo Presidente duma América e era, pela força da história, guia deste ocidente. À presidência chegava com uns escassos cem mil votos de vantagem, ao ocidente, suspeitado por alguns dos seus mais vezeiros guias. Diga-se ainda que encarnava, por convicção e por cargo, uma certa concepção de democracia.

Vejamos as implicações de tudo isto. Como americano, mais como Presidente da América, Kennedy tinha sobre os seus ombros a imensa responsabilidade de guia de um bloco e de uma importante parcela de humanidade. Magramente eleito, muito pouco podia arriscar e sobretudo o mínimo passo em falso podia ser — era — a morte não só do artista, mas, até, da humanidade inteira. Sejamos realistas: tinha que conservar para os Estados Unidos e para o chamado bloco ocidental as posições conquistadas e emprego o termo, bélico, com inteiro propósito. Berlim era uma delas. Berlim tinha que ser mantida, pelo menos até que os tempos estivessem maduros para que esse país e esse mundo de que era chefe, tirassem todas as ilações que se adivinham sem custo no que ele afirmava ser «a estratégia de paz».

Como chefe do mundo ocidental, da N. A. T. O. e das alianças encontraria à mais leve transigência sobre Berlim a firme e rígida oposição de dois dos seus mais potentes aliados: o General e o Chanceler. Contrariá-los era destruir essas alianças e esses pactos e enfraquecer irremediavelmente a posição do bloco que lhe cabia defender.

Como democrata de determinada democracia, estava firmemente convencido de que a liberdade dos berlinenses de oeste era um preço que nada comprava. Que Berlim era um símbolo. O símbolo dessa democracia.

Mas, por outro lado, as suas firmes convicções, a sua lucidez e a sua weltanschauung afastavam-no, ainda mais resolutamente, do caminho da guerra, bem como não se arriscaria nunca a uma capitulação inglória.

A hipótese última do nosso esquema era a única em que podia jogar,

joguete e jogador de forças e paradas várias que lhe amarravam as mãos para outros lances. Veremos adiante como essa hipótese era também a única que lhe podia permitir — um dia que não veio — ter as mãos livres. Por agora consideremos alguns factos.

\*  
\*  
\*

Eleito, Kennedy e a sua equipa procuram, acima de tudo, convencer o mundo comunista de que a política da «beira do abismo» de administração interior havia findado naquele dia de 1960 em que Dwight David Eisenhower abandonara a Casa Branca. Para tanto se testam provas: cessação das experiências nucleares, neutralização do Laos, etc. Para tanto o K americano acorre a Viena ao encontro que o K russo lhe propusera na Primavera de 1961.

A história desse encontro não está feita e ninguém sabe ao certo o justo tom daquela vienense melodia. Acentuam os comentadores que Nikita, o russo, foi aí mais intransigente do que nunca e que o americano voltou desapontado. Berlim — sabemos-lo — foi o nó górdio, que ainda dessa vez — por graça de Kennedy? — não se cortou. Mas, meses após, o muro começou. Meses após, Krustchef anunciava o «tratado de paz até ao fim do ano» (1961).

Não vale a pena fazer a história do muro<sup>3</sup>, não vale a pena comentar o que ele significa para um e outro mundo. Mas no mundo de Kennedy — e desse nos propomos tratar — ele foi pretexto para um conforto emocional, mais ou menos sincero, que só se assemelha com aquele a que dera lugar o esmagamento da revolta húngara. A «psicose» da guerra instalava-se de novo e não é arriscado dizer que um leve empurrão da Casa Branca teria desencadeado outros — fatais. Adenauer e De Gaulle continuavam. A América também. A prudência com que Kennedy se houve — a firmeza, ainda — foi decisiva. O muro ficou, mas não houve tratado de paz. Tudo continuava, assim, quartel-general em Berlim.

Um ano e picos mais tarde, a crise de Cuba permitia ao Presidente Kennedy convencer de vez o adversário; jogando jogadas múltiplas que simultaneamente lhe garantiam para 65 uma reeleição clamorosa, o impunham como interlocutor válido e lhe faziam ganhar com infinita distância, sobre os seus acólitos ocidentais que durante o desenrolar da crise nem sequer consultou. De Gaulle não lho perdoou<sup>4</sup>.

Sujeitou — sujeitou-se — que a retirada dos mísseis e a capitulação de Krustchef envolviam secretos acordos entre os dois chefes, com uma

SERVIÇOS DE GENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM GENSURA

7

SERVIÇOS DE GENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM GENSURA

Aliadas

em 19/12/63

Prova n.º 70

Saída em 28/12/63



compensação futura em Berlim. Falou-se de Cuba versus Berlim. Não é ousado dizer que esta hipótese fez reavivar a tentativa do General Justo de Adenauer no sentido de uma Europa, sem América, expulsa do mercado comum os ingleses — sem agentes e irmãos de raça daquela — e em que a França, já potência nuclear, substituiria os Estados Unidos no apoio militar à República Federal.

A unidade do mundo ocidental perigava. Outros aliados davam, a seu modo, mostras de descontentamento.

Os americanos tinham assim que aguentar e sustentar uma Alemanha — oscilante já. Para tanto, Kennedy seria aparato policial. (De Gaulle tivera-o) sem ameaças implícitas ou explícitas / (De Gaulle ficara-as) sem retóricas e oníricas divagações sobre oníricas grandezas / (nas De Gaulle fora perito). Voou até Berlim e teve, aí, um acolhimento triunfal como jamais chefe de estado americano obtivera na Europa. «Ich bin ein Berliner» e venceu a cartada — mais essa cartada. Foi em Junho de 1963.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO COM CORTES

8

\*  
\* \* \*

Assim, em menos de três anos de Presidente, Kennedy realizou algumas daquelas condições que pressupunham a efectivação de outras: cimentava-se internamente, tornava-se o «leader» incontestado do tal Ocidente, convencia o campo oposto. Podia — agora — debruçar-se — varrida a sombra de administrações a essas anteriores — sobre a janela decisiva: o desenvolvimento — firme e estável — da tensão leste-oeste, a tão falada «coexistência pacífica». O homem que escreveu<sup>5</sup> «Importa acima de tudo que as nossas relações com os russos sejam modificadas. Que sejam tão calculadas e realistas quanto a atitude de Nikita Krustchef, mas que se termine — de uma vez para sempre — com estas relações glaciais, belicosas, estas relações «à beira do abismo» numa palavra que as nossas relações de guerra para com os russos deixem de ser o que têm sido» dava em 25 de Julho de 1963 o primeiro grande pano para tal ao ratificar o Acordo de Moscovo. Mas Berlim, continuava.

Não somos profetas, nem penetramos nas intenções de outrém, mas — mau grado isso — não é difícil arriscar que as condições para uma negociação fecunda se começavam a entrever, desaparecidas que eram algumas que acima dissemos amarrarem, em 1961, as mãos do mais jovem presidente dos Estados Unidos.

As que subsistiam não era difícil prever-lhes o fim. Em Outubro



Provas remetidas à Censura

em 19/12/63

Prova n.º 71

Saída em 28/12/63

deste ano, findava o «reinado» de Adenauer. O novo Chanceler, Ludwig Erhard parece mais maleável e as suas mais recentes declarações abrem — pela primeira vez — a porta para negociações da Alemanha Federal com a U. R. S. S. O seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Schröder, fez mesmo algumas afirmações contra a política do «statu quo». Tudo leva a crer que a atitude alemã não será de futuro, tão intransigente quanto no passado o foi.

Em Inglaterra, prevêem-se com facilidade a vitória dos trabalhistas nas próximas eleições gerais. É sabido o que estes pensam sobre Berlim.

Outros países — a leste e a oeste — encaminham uma direcção que abre à primeira hipótese, que lá para traz deixaria exposto; perspectivas meras utópicas que há muito pouco tempo atrás. O próprio conflito sino-soviético podia vir abrandar a posição dos últimos.

Avizinhava-se, talvez, o momento em que uma nova política ocidental em relação a Berlim podia ser tentada. Aqueles que afirmam que o segundo mandato Kennedy traria mais clamorosas reviravoltas do que o primeiro nisso pensavam. Embora não só.

Com Erhard no poder; com Wihors à ???? do mesmo; com o Acordo e o desanuviamento conseguidos, prestes a ser reeleito pelo que se desenhava esmagadora maioria, Kennedy abeirava-se, talvez, da resolução de muita coisa (Berlim inclusive). A sua política a longo prazo começava — com resultados sensacionais — a resultar. Empatado, controlou as situações impossíveis e as possíveis iniciavam o seu contorno. Havia muita — e boa gente — para apostar em John Fitzgerald Kennedy.

O estúpido e repugnante crime de Dallas interrompeu tudo isto. Possa contudo, a sua trajectória ser mantida por quem recebeu o fado pouco leve da sua sucessão e, acreditamos que, se assim for e assim for lucidamente, os passos futuros da política norte-americana permitam essa esperança de que na introdução a este artigo se falava. Ela é a melhor herança que John Fitzgerald Kennedy nos legou.

JOAO BENARD DA COSTA

<sup>1</sup> Discurso de aceitação da investidura democrática, de 15 de Julho de 1960.

<sup>2</sup> *Estratégia da Paz.*

<sup>3</sup> Aconselhamos, a este propósito, a leitura do artigo de Paul Dehem «*Le Mur de Berlin*» (*Esprit*, Dezembro, 1962).

<sup>4</sup> Até que as balas do fim, designando-o como soldado caído, nele acordaram os ecos de mais fundas camaradagens que o levaram — em nome duma certa grandeza e duma não mesquinhez — a representar a França em Washington.

<sup>5</sup> *Estratégia da Paz.*

A

1E

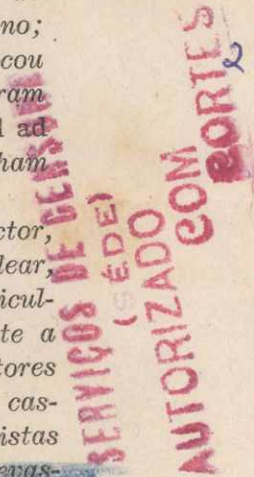
A relação entre as referidas barbas e a Aliança é uma relação de causa-efeito. Nunca se falou tanto do subdesenvolvimento da América Latina como depois que subiram ao poder, em Cuba, as ditas barbas e a revolução que simbolizam. Motivo? Simples: Fidel proclamava que exportaria a sua revolução. E dessa intenção não duvidavam os americanos, que bem sabiam ser esse o único meio pelo qual o «desvairado barbudo» (a frase é de um senador) conseguiria ter vizinhos refilando contra Washington. Visto desta cidade, o problema de Cuba tal como Kennedy o herdou do seu antecessor transcendia as aflições da United Fruit e outras companhias yankees atingidas pelas nacionalizações massivas do «insuportável barbudo» (a expressão é de outro senador). Visto da mesa de trabalho de Kennedy, o problema de Cuba (caroço e símbolo do problema da América Latina) era, por um lado, toda a ameaça de uma penetração diplomática do bloco socialista no continente americano; por outro lado, toda a emotividade extremista que tal ameaça provocou na população americana quando os adversários de Kennedy a começaram submetendo àquele velho tratamento psicológico da fórmula Hannibal ad portas. Os americanos estavam mesmo a convencer-se de que tinham moiro na costa (ou seja, russo-caçador-furtivo dentro da coutada).

Para sublinhar as dificuldades levantadas por este segundo factor, basta recordar que Kennedy precisou de arriscar uma guerra nuclear, na chamada «crise das Caraíbas», antes de anular em parte as dificuldades que lhe causavam os opositores quando o acusavam, perante a opinião pública, de contemporar; basta recordar que esses opositores nunca se deram por contentes com o bloqueio que tornou Cuba um castelo sitiado dependente do auxílio da U. R. S. S. e mais países socialistas (bloqueio que nem sequer foi levantado após o furacão Flora ter devastado a ilha); basta, sobretudo, recordar que tais opositores queriam — segundo frequentemente o declararam — uma segunda invasão armada que fizesse o que a primeira não lograra conseguir.

\*

\* \* \*

A Aliança para o Progresso, vindo em socorro de uma economia latino-americana que via sumir-se o seu poder de compra, devolveu a tranquilidade ao americano, inapto, na sua maioria, para adivinhar os espinhos que uma economia torta reserva para os que pretendem endireitá-la com injeções intramusculares. Esses espinhos tornam-se patentes a quem leia o relatório apresentado, em Outubro de 1962, pela Comité



Provas de 83  
a  
108



KENNEDY PERANTE A CONVENÇÃO E A CAMPANHA ELEITORAL

1—A CONVENÇÃO

DOIS meses mais tarde e aureolado com a vitória em seis primários (depois de West Virgínia, quatro de pura formalidade) J. F. Kennedy chega, finalmente, a Los Angeles para a Convenção.

A Convenção, que se considera a instituição mais típica da política americana, é qualquer coisa entre um circo e uma feira. Manifestantes passeiam-se com cartazes anunciando o fim do mundo e a expiação dos pecados; o candidato do Partido Vegetariano proclama que «as eleições são ilegais e portanto nulas»; multidões gritam o nome dos seus preferidos. E, entretanto, em quartos de hotéis as delegações dos Estados intrigam e discutem.

Quatro homens pareciam dividir entre si o grosso dos sufrágios: Stuart Symington, Adelai Stevensen, Lyndon Johnson e J. F. Kennedy.

Stuart Symington porque era o homem mais aceitável a todas as minorias do partido (judeus, católicos, sulistas segregacionistas, etc. ...). Só teria, portanto, a sua oportunidade se a votação entrasse num *impasse*

grave. Adelai Stevenson, já duas vezes escolhido, porque garantia a experiência, a seriedade e porque o Partido lhe estava grato por duas campanhas incansavelmente batalhadas, embora perdidas.

A ~~causa~~ de três dias, e apesar dos gritos a favor de Adelai Stevenson que vinham da rua, as esperanças dos dois primeiros haviam morrido. O catolicismo do senador do Massachusetts deixara de constituir problema e a respectiva maturidade provara-se nos primários. Por outro lado, atormentado por escrúpulos Adelai Stevenson não exigia a *indicação*, nem a recusava. «*Se os demócratas me escolherem*», declarava «*aceito. Mas não pedirei que me escolham*». A hesitação valeu-lhe ser ultrapassado pelos acontecimentos. Quando se resolveu a aparecer na liça, as delegações estaduais haviam cessado de encarar a hipótese.

Restavam L. Johnson e Kennedy. Johnson, presidente do Senado e sulista, não inspirava confiança ao sector negro, nem aos sindicatos. J. Kennedy não agradava ao grande capital. (Não foi ele que disse, dois anos mais tarde, durante a crise do aço: «*Todos os capitalistas são f. d. m.*»?) Quem conseguisse, assim, conquistar os opositores marchava para a vitória.

SERVIÇOS DE CENSURA  
AUTORIZADO  
(SÉDE)  
COM  
GORTES

Em 29/12/63

Prova n.º 84

Saída em 28/12/63



Não se sabe ao certo o que se passou nas laboriosas conferências do Hotel Biltmore, quartel-general do futuro Presidente. Sabe-se que John Fitzgerald Kennedy foi eleito ao primeiro escrutínio por uma esmagadora maioria.

Devia agora ir ao encontro de Richard Nixon e do país.

## 2 — A AMÉRICA ESCOLHE

A América, a grande América, força e condutora do mundo que se apregoa herdeiro de Sócrates e Cristo, ia escolher. A Europa sangrara-se em guerras civis pela hegemonia de uma terra que lhe escapava e o Novo Continente, por isso, alçara-se em espada e em profeta do Velho Continente. Desse Velho Continente exausto, pátria dos «antigos parapeitos» de que Rimbaud falava.

Quando os catorze pontos de Woodrow Wilson não foram aprovados pelo Senado soube-se que a segunda catástrofe era inevitável. Os Estados Unidos sofreram a culpa e as acusações. Depois de Yalta, porém, decidiram não reincidir: o comando era deles. Os valores que se anunciavam greco-cristãos e os mercados indispensáveis haviam doravante de ser defendidos pelo desdobramento monstruoso da «fatigada» Europa, a que Sartre chamou «histérica e corrupta».

Mas, decorridos quinze anos após o final da Segunda Grande Guerra, os resultados da liderança assumida desiludiam. Ao orgulhoso habitante das costas descobertas os mesmos humilhavam. E existiam as seguintes boas razões:

1. No Brasil, Jânio Quadros, um socialista e um admirador da revolução da Sierra Maestra, elegia-se presidente.
2. Em Cuba, ex-lugar de viligiatura para milionários Fidel Castro nacionalizava os capitais americanos e aceitava a defesa dos foguetões de N. S. Khrushchev.
3. No Laos os campos extremavam-se.
4. No Vietnam do Sul, Diem revelara-se incapaz de ganhar a guerra.
5. Na Coreia o frontespício de Sigman Rhee desabava pela violência.
6. Como tombava, na Turquia, o governo conveniente de Mendéres, futuro justicado.
7. Finalmente, em África, a tragédia do Congo exhibia a pouca influência da Casa Branca nos assuntos locais.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES



Neste ambiente, a candidatura de J. Fitzgerald Kennedy nasce e atinge a idade madura. Oito anos de republicanismo consideram-se à altura responsáveis pelas fendas que a moderna Muralha da China contra o chamado oriente abre e, solidário da acção de Eisenhower, Richard Nixon não pode fugir às censuras. Pode, isso sim minimizar a gravidade dos revezes, pode fingir que criticar as derrotas devidas à sua administração equivale a atacar a América (jogo conhecido de identificar uma política a uma pátria), pode, e tenta, evitar o debate. Esforço inglório e condenado ao fracasso. Por um lado, J. F. Kennedy compreende a manobra e a cada discurso repete: «*Não diminuo a América, diminuo os republicanos.*» O democrata do Massachusetts destrói o pensamento republicano sobre assuntos externos, faz ver a posição frágil e vulnerável dos Estados Unidos, entristece-se sobre os desastres e proclama, a terminar, que quer um país fortalecido, dominador, onnipotente, que quer o primeiro país do universo, cidade atrás de cidade, aldeia atrás de aldeia, pede o auxílio do seu povo: «*Let's get America moving again*» (Vamos andar com a América para a frente). Quatro incidentes próximos dão particular peso a essas palavras:

1. O avião-espia U2 é abatido e os enviados da Casa Branca são acusados de duplicidade.
2. O Presidente Eisenhower vai a Paris para uma conferência a alto nível que se não realiza, depois do que é denunciado por «hipócrito» e «mentiroso» pelo russo N. S. Krushtchev.
3. A viagem de Eisenhower ao Extremo Oriente, uma viagem de boa vontade (1 000 000 de quilómetros) e de paz, termina numa terrível humilhação: o Japão recusa-se a recebê-lo.
4. As negociações para o desarmamento em curso entre os E. U. A. e a U. R. S. S., apesar de algumas prematuras e apressadas esperanças, interrompem-se.

Richard Nixon sente o terreno fugir-lhe debaixo dos pés. Na opção fundamental (o papel da América do Norte no mundo) J. Kennedy conquista os votos e as admirações e, caso grave, parece inexpugnável. (As catástrofes que um ataca, o outro deve defender). É, então, que duas novas questões são hábilmente lançadas na liça: a questão da experiência e a questão da intransigência.

Ao entusiasmo do jovem senador, o vice-presidente contrapõe a sua longa experiência de dois mandatos. O argumento espraia-se assim: J. F. Kennedy grita e protesta porque não conhece as dificuldades.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

Provas remetidas à Censura

em 29/12/63

Prova n.º 91

Saída em 28/12/63



Estes factos maravilharam os franceses. Derretidos, olharam como as instituições não dependiam das pessoas e como as pessoas, pelo contrário, se viam investidas pelas instituições numa nova, particular dignidade. Não deixa de ser revelador o honesto espanto que a Gália experimentou ao constatar que nem todos se pareciam, que nem todos eram Napoleão, o Grande, Napoleão Luís, o Pequeno, Carlos X, Luís Lillipe ou bem. Principiaram logo a declarar que a V República não se identificava precisamente a De Gaulle e, descoberto isto, rejubilaram.

Quanto a mim, que escreve a presente nota, devo confessar que não reagi do mesmo modo. Não me delicieei percebendo que Kennedy não se chamava Alexandre Magno e que o Império se não dividiria. Portugal somou a sua razoável conta de constituições (em sentido lato) mas não criou um tique. Demos graçar por prescindirmos do tique em questão.

Matutei, porém, que a unidade nacional numa circunstância de extremo perigo se entendia com reservas e no tímido prazo de um mês; que não servia para referendar Johnson e que ninguém, em nenhum instante, pretendeu que servisse. As tropas entraram em estado de prevenção (Plano Defcon 5, apenas usado na crise cubana), as tendências políticas juntaram-se para a salvação comum e, apesar disso, oito dias depois falava-se em eleições. Digamos que não fui um francês de espírito e vislumbrei que não existem predestinados (Kennedy ou De Gaulle) e que os novos se salvam a si próprios, quando se salvam.

V. P. V.

f

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTE

Provas remetidas à Censura

em 2/1/64

Prova n.º 109

Saída em 28/12/63

«PROCURADO POR CRIME DE  
TRAIÇÃO»

Sob este título, e encimado por duas fotografias de Kennedy estilo ficha de policia (de frente e de perfil), um panfleto distribuído em Dallas e noutras cidades americanas, antes do atentado, afirmava o seguinte:

«ESTE HOMEM é procurado por actividades traiçoeiras contra os Estados Unidos:

- 1 — Traíndo a Constituição, que jurara respeitar:

Está transferindo a soberania dos Estados Unidos para as Nações Unidas, que são controladas pelos comunistas.

Está traíndo os nossos amigos e sendo amigável com os nossos inimigos.

- 2 — ERROU em inúmeras circunstâncias, afectando a segurança dos Estados Unidos (O. N. U., muro de Berlim, retirada de foguetões, Cuba, vendas de trigo, tratado do Test Ban, etc.).

- 3 — Foi frouxo em legislação anti-comunista.

- 4 — Apoiou e encorajou os motins raciais, que foram inspirados pelos comunistas.

- 5 — Invadiu ilegalmente um Estado soberano com tropa armada.

- 6 — Nomeou sistematicamente anti-cristãos para postos públicos:

Apoia o Supremo Tribunal nos seus acordãos anti-cristãos.

Encheu as Repartições públicas de inimigos e comunistas.

- 7 — Foi apanhado em MENTIRAS fantásticas ao povo americano (incluindo mentiras pessoais, tais como o que se relaciona com o seu prévio casamento e divórcio).



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO